Superando Barreiras Geográficas e Descentralizando o Esporte no Brasil: Um Estudo sobre o Handebol

Palavras-Chave: Descentralização do Esporte, Políticas Esportivas, Desenvolvimento Esportivo

Autores(as):

Larissa Freitas Teixeira, FCA - UNICAMP

Prof. Dr. Leandro Carlos Mazzei (orientador), FCA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O sucesso esportivo não é alcançado apenas pelo talento individual do atleta, mas constitui um processo complexo que envolve uma rede de fatores que influenciam, em diferentes níveis, o alcance de determinados desempenhos. Segundo a literatura, essa estrutura é classificada em graus de influência nos níveis micro, meso e macro (DE BOSSCHER et al., 2006). O micronível abrange características pessoais, como trajetória individual e genética; o macronível refere-se ao contexto social e cultural no qual o atleta está inserido; e o mesonível está relacionado a processos e ações diretamente ligados ao desenvolvimento esportivo, sendo o foco do modelo Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success (SPLISS), proposto por De Bosscher et al. (2006). Esse modelo conceitual apresenta nove pilares fundamentais para o desenvolvimento de políticas esportivas voltadas ao sucesso internacional. No contexto deste trabalho, destaca-se o oitavo pilar, que trata das competições nacionais e internacionais, considerando que a participação dos atletas nesses eventos desempenha papel crucial na formação e no desenvolvimento de atletas. Estudos acadêmicos indicam que os eventos, especialmente os nacionais, são essenciais para alcançar um bom desenvolvimento esportivo e são parte crucial no desenvolvimento de atletas, desde que tenham objetivos de longo prazo, sejam estruturados com qualidade e respeitem as faixas etárias dos participantes (MAZZEI, 2014; DE BOSSCHER, 2006; BÖHME, 2000).

O handebol, embora muito praticado em instituições escolares e universitárias brasileiras, apresenta um curioso paradoxo: é, ao mesmo tempo, popular entre os praticantes e desconhecido da população brasileira em geral. Essa “popularidade impopular” pode ser atribuída à escassez de informações acerca do alto nível da modalidade, dificultando o acesso da população às competições estaduais, regionais, nacionais e internacionais (KNIJNIK, 2009). A Liga Nacional de Handebol, por

exemplo, é uma das principais competições do país, mas ainda carece de visibilidade fora do meio dos interessados em handebol. Para compreender esse cenário, é preciso analisar o processo histórico do handebol no Brasil: a modalidade foi introduzida na década de 1940 por imigrantes alemães, principalmente nas regiões sul e sudeste do país, favorecendo o desenvolvimento do esporte nessas áreas, com destaque no estado de São Paulo o grande polo de desenvolvimento do handebol brasileiro (VIEIRA; FREITAS, 2007). Atualmente, essas regiões continuam sendo o centro competitivo e de formação de atletas, que representam o país em competições nacionais e internacionais (DA CUNHA NUNES, 2017), consolidando o handebol como um esporte centralizado, embora com praticantes em todo Brasil.

O presente estudo tem como objetivo analisar as possibilidades de descentralização do esporte no Brasil, usando como caso a modalidade Handebol e suas competições em território nacional, em especial a Liga Nacional de Handebol, com o intuito de aumentar a visibilidade e a oportunidade de acesso ao esporte em todo o país. Nesse contexto, busca-se compreender como o Handebol, por meio da sua principal organização no país, a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), propõe soluções para o melhor desenvolvimento da modalidade, especialmente em termos de abrangência geográfica e na formação de atletas.

METODOLOGIA:

A metodologia desta pesquisa está fundamentada na taxonomia proposta por Vergara (2010), que classifica a pesquisa quanto aos fins e aos meios. Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois busca compreender as ações da Confederação Brasileira de Handebol relacionadas ao aumento do desenvolvimento esportivo da modalidade em termos geográficos no Brasil. Quanto aos meios, o estudo é documental, utilizando como fonte principal os sites e documentos oficiais da Confederação, com o objetivo de reunir informações relevantes sobre suas iniciativas.

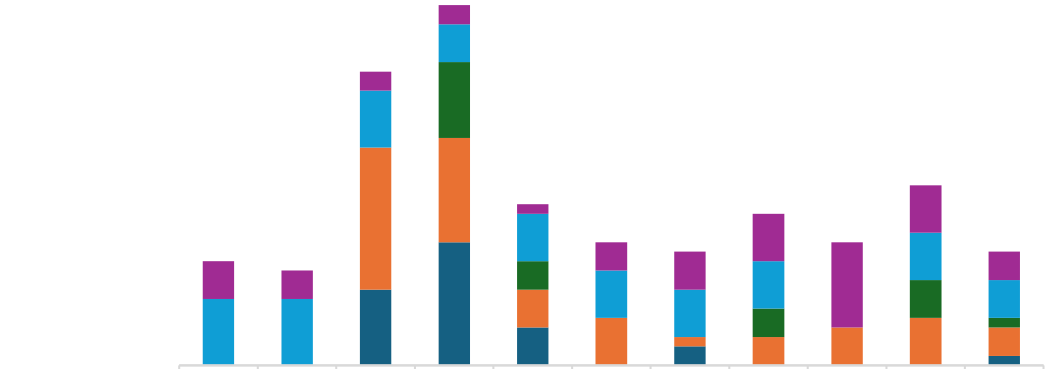
A análise será realizada com base em dados públicos e abertos, disponíveis em plataformas oficiais, o que dispensa a necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Pretende-se identificar se há: regionalização de campeonatos; regionalização de centros de treinamento; suporte à prática e às competições esportivas nas diversas regiões do país; e outras iniciativas relacionadas com a difusão do esporte, especialmente de rendimento, pelo território brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Foi analisada a Liga Nacional de Handebol (LNH), nos naipes masculino e feminino, entre os anos de 2014 a 2024, com o objetivo de quantificar as equipes participantes por região do país e avaliar a eficácia das Conferências Regionais criadas pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) em 2013 e adotadas na liga a partir de 2016. Essas Conferências (Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul/Sudeste)

foram estruturadas como estratégia para ampliar a participação de equipes fora do eixo Sudeste-Sul, apresentando diferentes agrupamentos ao longo da competição, conforme a quantidade de times inscritos. Nos anos de 2014 e 2015, o modelo de entrada na LNH se deu por convite, com média de 10 equipes; a partir de 2016, passou a ocorrer via inscrição, com média de 6 a 10 equipes por Conferência no masculino e de 4 a 6 no feminino. Para ilustrar os dados obtidos, foram elaborados dois gráficos (Figura 1 e Figura 2), apresentados a seguir.

Figura 1 – Equipes por Região participantes da Liga Nacional de Handebol Masculino 2014 - 2024

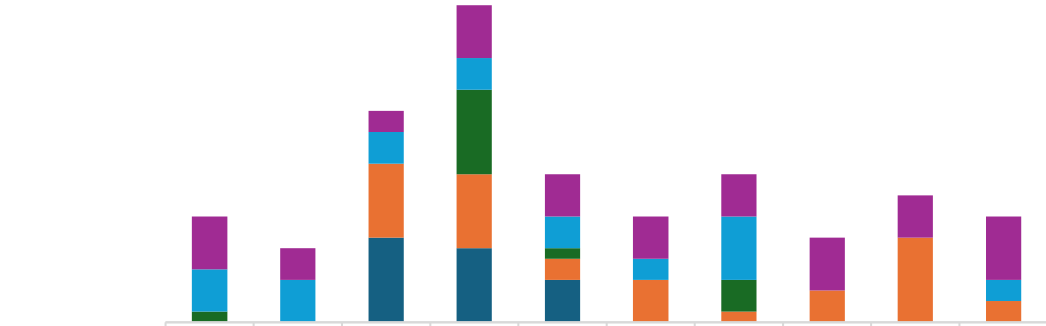


	2014	2015	2016	2017	2018*	2019*	2020**	2021	2022*	2023*	2024*
Sul	4	3	2	2	1	3	4	5	9	5	3
Sudeste	7	7	6	4	5	5	5	5	0	5	4
Centro-Oeste	0	0	0	8	3	0	0	3	0	4	1
Nordeste	0	0	15	11	4	5	1	3	4	5	3
Norte	0	0	8	13	4	0	2	0	0	0	1

*Sem informações e/ou informações incompletas **Realizada em formato "bolha"

Fonte: Elaboração própria

Figura 2 – Equipes por Região participantes da Liga Nacional de Handebol Feminino 2014 – 2024



	2014	2015	2016	2017	2018*	2019*	2021	2022*	2023*	2024*
Sul	5	3	2	5	4	4	4	5	4	6
Sudeste	4	4	3	3	3	2	6	0	0	2
Centro-Oeste	1	0	0	8	1	0	3	0	0	0
Nordeste	0	0	7	7	2	4	1	3	8	2
Norte	0	0	8	7	4	0	0	0	0	0

*Sem informações e/ou informações incompletas

Fonte: Elaboração própria

A partir dos gráficos, é possível observar que, em determinados anos, tanto no naipe masculino quanto no feminino, as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte apresentaram uma quantidade significativa de equipes participantes, especialmente nos anos de 2016 e 2017. Esses dados validam a ação proposta pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) no sentido de promover o desenvolvimento da modalidade em todas as regiões do Brasil. No entanto, há uma carência de informações da Liga Nacional de Handebol (LNH) após esse período, o que dificulta o monitoramento da efetividade das Conferências Regionais. Essa ausência pode estar relacionada à constante mudança no modelo da Liga: em 2014 e 2015 não houve conferências; em 2016, foram realizadas três: Conferência Norte, Conferência Nordeste e Conferência Sul/Sudeste/Centro-Oeste; em 2017 e 2018, quatro: Conferência Norte, Conferência Nordeste, Conferência Centro-Oeste e Conferência Sul/Sudeste; e, em 2019, houve o agrupamento das regiões em duas grandes conferências: Conferência Nordeste e Sul/Sudeste. É importante destacar que, no ano de 2020, foi enfrentada a pandemia do vírus COVID-19, o que influenciou diretamente na estrutura da competição. A CBHb optou por realizar o campeonato masculino em formato de "bolha", enquanto o feminino não foi realizado.

Além disso, a instabilidade na gestão da CBHb contribuiu significativamente para a descontinuidade dos dados e das ações estruturantes. Em 2018, o então presidente Manoel Luiz Oliveira foi afastado por irregularidades no uso de verbas públicas. Em 2020, o presidente Ricardo Luiz de Souza renunciou ao cargo após ser suspenso pelo Comitê de Ética do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), em decorrência de acusações de assédio moral e sexual. A má gestão da Confederação resultou na perda de patrocinadores importantes, como o Banco do Brasil, e na suspensão dos repasses financeiros por parte do COB e do Ministério do Esporte, impactando diretamente a execução de programas voltados à promoção e manutenção do handebol nacional, inclusive na Liga Nacional de Handebol.

CONCLUSÕES:

O handebol de alto nível no Brasil apresenta-se de forma inconstante, tanto no masculino quanto no feminino, não por falta de atletas ou de habilidade, já que a modalidade é praticada em todo o país, estando presente nas aulas de Educação Física. As seleções brasileiras, inclusive, acumulam bons resultados em competições internacionais, como medalhas em Jogos Pan-Americanos e o lugar mais alto do pódio no Mundial Feminino de Handebol (ANDRES; GOELLNER, 2018). Essa irregularidade ocorre da ausência de um gerenciamento eficaz por parte da principal organização da modalidade, a Confederação Brasileira de Handebol. Tal instabilidade não se limita à má estrutura das competições nacionais (pilar 8) e aos problemas internos de gestão, mas também à carência de investimentos em outros pilares fundamentais, como instalações esportivas, apoio e desenvolvimento de treinadores, e pesquisas

científicas aplicadas ao esporte (pilares 6, 7 e 9). De acordo com o modelo SPLISS, proposto por De Bosscher et al. (2006), essas responsabilidades competem às confederações esportivas nacionais, nesse caso à CBHb.

Portanto, devido à falta de informações e à instabilidade na Liga Nacional de Handebol e na Confederação, torna-se difícil, com base na análise dos dados, afirmar a efetividade das Conferências Regionais como estratégia de descentralização da modalidade no Brasil. Ainda assim, a pesquisa contribuiu para compreender a "impopularidade popular" do handebol brasileiro e evidenciar os pontos que a Confederação pode aprimorar para melhorar a organização e a estrutura tanto da competição quanto da própria CBHb, com o objetivo de ampliar a visibilidade, as oportunidades e o sucesso da modalidade em todo o território nacional.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRES, Suélen de Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias Esportivas De Jogadoras De Handebol E Suas Narrativas Sobre Ser Profissional Da Modalidade. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 24, n. 2, p. 527–538, 2018.

Böhme MTS (2000). O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 21(2): 4-10.

DA CUNHA NUNES, Camila; ROCHA, Manoel José Fonseca. Um breve relato histórico do handebol no Brasil: O caso da Liga Nacional de Handebol. **Revista Observatorio del Deporte**, p. 15-27, 2017

DE BOSSCHER, Veerle. et al. A Conceptual Framework for Analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. **European Sport Management Quarterly**, v. 6, n. 2, p. 185–215, jun. 2006.

Mazzei, Leandro & Bastos, Flavia & Silveira Böhme, Maria & Bosscher, Veerle. (2014). Política do esporte de alto rendimento no Brasil: análise da estratégia de investimentos nas Confederações Olímpicas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. 14. 58-73.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 12. ed. São Paulo: **Editora Atlas**, 2010.

VIEIRA, Silvia; FREITAS, Armando. O que é handebol. **Casa da Palavra**, 2007.